



TOCANTINS: ESTUDO DIALETOLÓGICO DAS BRINCADEIRAS INFANTIS PIPA/PAPAGAIO E ESTILINGUE/BALADEIRA

TOCANTINS: A DIALECTOLOGICAL STUDY IN CHILDREN'S PLAY PIPA/ PAPAGAIO AND ESTILINGUE/BALADEIRA

Bruna Lorryayne Dias Menezes 1
Greize Alves da Silva 2

Resumo: O Estado do Tocantins tornou-se um espaço multivarietal devido ao desmembramento de terras goianas ocorridas entre os séculos XIX e XX e, com isso, houve grande fluxo migratório de pessoas oriundas de outras regiões brasileiras para o que hoje se tornou o novo Estado. Tendo em vista este cenário, em que coexistem diferentes grupos, é de interesse deste trabalho fornecer uma microvisão da variação dialetal do Estado a partir das análises dos brinquedos infantis conhecidos por estilingue/baladeira e papagaio/pipa em 12 cidades tocantinenses. Além disso, objetiva-se verificar como se comportam as variantes decorrentes dos topodinâmicos, pessoas provenientes de outras localidades, mas que habitam as cidades pesquisadas, em comparação com as formas oriundas dos falantes mais locais, os topoestáticos, nascidos e criados na localidade, totalizando 96 informantes. A coleta foi realizada com base no recorte do questionário do "Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALITTETO)". As designações foram analisadas de acordo com os pressupostos da Dialectologia Pluridimensional e Relacional. Assim, o artigo conclui que as variantes pipa/pipão e baladeira são usadas em grande escala pelo público investigado.

Palavras-chave: Dialectologia Pluridimensional. ALITTETO. Variação Linguística. Brinquedos Infantis.

Abstract: The Brazilian state of Tocantins has become a multi-variegated space due to its separation from the state of Goiás territory between the 19th and 20th centuries. A great migratory flux occurred which involved people from other Brazilian regions to what is now the state of Tocantins. Current paper provides a microvision of the dialectical variation of the state as from the analyses of children's play, such as estilingue/baladeira (sling) and papagaio/pipa (kite), in twelve towns of the state. Current analysis verifies the mode variants behave, arising from topodynamics, people originating from other places but inhabit the towns under analysis, when compared to forms derived from topostatic forms, people born and bred in the place. Total number of informants is 96. Collection was based on a questionnaire from the Topodynamic and Topostatic Linguistic Atlas of the State of Tocantins (ALITTETO). Designations were investigated according to presuppositions of Pluridimensional and Relational Dialectology.

Keywords: Pluridimension Dialectology. ALITTETO. Linguistic Variation. Toys/children's play.

-
- 1 Mestre em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGLetras), Universidade Federal do Tocantins, campus de Porto Nacional. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8921604073560197>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3026-1319>. E-mail: lorryayne03@hotmail.com
 - 2 Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina, docente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLetras), da Universidade Federal do Tocantins. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4978318468793519>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2589-6750>. E-mail: greize_silva@yahoo.com.br
- 

Introdução

O Estado do Tocantins, atualmente com 34 anos de emancipação, passou por intensos processos exploratórios desde os primeiros séculos. Nos primórdios, os portugueses exploraram as riquezas do local por meio das expedições bandeirantes. Segundo Palacín e Moraes (2008), a partir dos descobrimentos realizados por essas expedições, o antigo norte goiano passou a ser povoado com pessoas de diversos lugares, devido ao descobrimento de minas auríferas nesse espaço.

Mediante ao decurso no antigo norte goiano e atual Estado do Tocantins, é possível depreender que o espaço abriga variações linguísticas, tendo em vista que há grande fluxo migratório de pessoas oriundas também de outros estados brasileiros, como Goiás, Maranhão, Piauí, Pará e Bahia. Desse modo, há a presença de vários dialetos em um único local, tornando o espaço, de certa forma, multivarietal.

Para isso, há a Dialetoologia, área que observa e analisa os falares de determinado país, cidade, estado ou região, como forma de apresentar “as modalidades de uso de uma língua ou de várias línguas” (CARDOSO, 2010, p. 20-21). Atualmente, dados os fluxos migratórios e a coexistência de variedades dialetais em um mesmo espaço, outras incorporações teóricas têm surgido, como a Dialetoologia Pluridimensional e Relacional, por exemplo.

Desse modo, Thun (1998) considera essa vertente teórica responsável por verificar as relações existentes entre os dialetos e os “veios sociolinguísticos”, pois há fatores internos e externos que influenciam as variações fônicas, lexicais e gramaticais presentes em determinada localidade. Thun (1998) pontua que o pesquisador deve trabalhar em um plano tridimensional da variação, contemplando as dimensões diatópica, diageracional, diastrática, diassexual, dialingual, diagenérica, diarreferencial e diatópico-cinética, essa última com o objetivo de analisar as variantes decorrentes de sujeitos topodinâmicos em contraste com os topoestáticos.

Assim, o presente artigo tem como foco descrever as variantes coletadas para os brinquedos comumente conhecidos por *estilingue/baladeira* e *papagaio/pipa*, obtidas por meio dos questionamentos aplicados pelo *Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins* (ALITTETO) (SILVA, 2018): QSL - 122. *Como se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borrachas, que os meninos usam para matar passarinhos?* e QSL – 123. *Como se chama o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?*¹. As pesquisas foram efetuadas em 12 cidades tocantinenses, com 96 informantes distribuídos por sexo, idade 18 a 30 aos e 50 a 65 anos de idade, ensino médio completo e pelo eixo *diatópico-cinético*, em que objetiva analisar as respostas fornecidas por informantes topodinâmicos *versus* topoestáticos.

A Dialetoologia na Perspectiva Monodimensional e Pluridimensional

A área da Dialetoologia tem como objetivo “identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” (CARDOSO, 2010, p. 15), como forma de subsidiar as pesquisas e os estudos voltados aos aspectos dialetais de uma língua.

As pesquisas dialetológicas no Brasil foram difundidas a partir de 1920 com a publicação de *O dialeto Caipira*, sob a responsabilidade de Amadeu Amaral. Há a contribuição de Antenor Nascentes com a obra *O Linguajar Carioca*, publicada em 1953. Além desses autores, houve a colaboração de Serafim da Silva Neto, com a *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*, publicada em 1950. Celso Cunha contribuiu para as pesquisas das variações dialetais no Brasil com a obra *Língua Portuguesa e Realidade Brasileira* (1968).

Com esses trabalhos apareceram propostas diversas na tentativa de explicar a formação dialetal do homem a partir da história brasileira. É nessa vertente que alguns estudos trouxeram as chamadas propostas de divisão dialetal, sendo a mais conhecida e verossímil a de Antenor Nascentes, *O linguajar carioca*, elaborado em 1922 e reelaborado em 1953, no qual possibilitou a produção de muitos trabalhos dialetológicos nos anos seguintes. A divisão formulada por Nascentes

¹ O respectivo campo Brinquedos e Brincadeiras Infantis foi objeto de análise da Dissertação de Menezes (2021), intitulada “Áreas Dialetais no Tocantins: Estudo Dialetoológico e Geolinguístico no Campo das Brincadeiras Infantis”.

baseou-se na pronúncia das vogais médias pretônicas e nos aspectos da prosódia, subdividindo o país em seis subfalares, o Norte composto pelos falares Amazônico e Nordeste; ao Sul pertencem os falares Baiano, Fluminense, Mineiro e Sulista.

Na época da produção da obra, o Tocantins pertencia ao espaço de Goiás. No entanto, Nascentes (1953), ao propor as áreas dialetais, dividiu o espaço e, dessa forma, incluiu o antigo norte goiano como pertencente às áreas dos falares amazônico, nordestino e baiano, isso foi importante porque atualmente é notório que o Tocantins possui traços dialetais dos três espaços devido à migração de pessoas oriundas do Pará, da Bahia, do Piauí e do Maranhão, limítrofes ao Tocantins.

Seguindo os pressupostos defendidos por Nascentes (1953), Nelson Rossi elaborou o atlas regional da Bahia, nomeado: *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, publicado em 1963, primeiro dos muitos atlas publicados no Brasil nas décadas seguintes. Ressalta-se que os primeiros atlas adotavam a metodologia da dialetologia tradicional, ou seja, considerava-se a vertente diatópica, na qual as pesquisas realizadas analisavam os dados conforme as variações linguísticas ocorridas de um lugar para o outro.

Com o aprimoramento da técnica dialetológica, os autores passaram a associar os preceitos da Dialetologia Espacial aos conhecimentos da Sociolinguística, pois “nas últimas décadas houve a inserção de novas dimensões como forma de compreender a variação tanto espacial, quanto social no plano cartográfico” (SILVA, 2018, p. 48).

Ao documentar as formas e as expressões linguísticas, os dialetólogos podem, a partir das vertentes sociais, expor a variação e a mudança linguística que estão ligados a fatores internos e externos, propulsores de tais alterações; há então a pluridimensionalidade da língua (THUN, 1998). Desse modo, Thun sistematizou a Dialetologia Pluridimensional e Relacional, pois começou a incorporar novas vertentes nas suas análises. Com isso, os atlas passam a ser divididos em novas categorias, além dos monodimensionais, há os bidimensionais e os pluridimensionais/multidimensionais. Logo:

Os atlas monodimensionais recebem essa terminologia porque o único viés adotado é o da variação linguística espacial, não sendo os fatores sociais trabalhados de forma sistemática. Os bidimensionais, por seu turno, abordam, além da arealidade, outro aspecto social, seja o sexo ou a idade do informante (SILVA, 2018, p. 49).

Para comprovar as classificações, Thun (1998) criou um esquema, no qual os conhecimentos advindos da Sociolinguística foram agregados à Dialetologia “para converter o estudo tradicional da superfície bidimensional em estudo do espaço tridimensional da variação linguística” (THUN, 2005, p. 67), conhecida como isso ou mais parâmetros.

A primeira dimensão avaliada em cartas linguísticas é a diatópica e procura identificar a variação linguística espacial, seja de um país, um estado, um município ou uma região e é considerada por Thun (1992, p. 260) como “parâmetro sagrado”. Na diatopia há a divisão entre falantes topodinâmicos e topoestáticos, no qual o contraste entre ambos os grupos de informantes é entendido por Thun como dimensão diatópico-cinética cujo propósito é “medir as consequências linguísticas da mobilidade demográfica em contraste com alguns grupos topodinâmicos com os grupos topoestáticos”² (THUN, 1995, p. 10, [tradução nossa]).

A idade dos informantes também é importante para os estudos dialetológicos e para a variação linguística, pois a *dimensão diageracional* parte do pressuposto que existem “diferenças linguísticas entre os falares das diversas gerações” (POP, 1950, p.198). Para a fala de homens e de mulheres, tem-se a *variação diagenérica*. Na *variação diastrática*, há o confronto entre os diferentes níveis sociais do informante, observando aspectos como o trabalho, a renda familiar, a educação e a habitação das pessoas investigadas, pois está “vinculada com a instrução sociocultural dos grupos

² No original: “[...] medir las consecuencias lingüísticas de la movilidad demográfica por el contraste de algunos grupos “topodinámicos” con los grupos “topostáticos”. (THUN, 1995, p. 10).

em questão”³ (AQUINO; THUN, 2002, p. 25, tradução nossa).

A *dimensão diafásica* observa o falar conforme o “momento de sua realização, à situação em que é produzido, à postura do falante em relação ao instante da elocução e ao tipo de uso que faz da língua – resposta a perguntas dirigidas, exposição de fatos, narrativa, leitura, etc.” (CARDOSO, 2006, p. 09).

Sobre a *dimensão dialingual*, considera-se “o contato com outras variedades do português e de outras línguas (dimensão diacontatual e dialingual [fala de bilíngues e monolíngues])” (ALTENHOFEN, 2013, p. 42). A *dimensão diarreferencial* está relacionada às questões metalinguísticas e epilinguísticas da língua, conforme a opinião da pessoa sobre os falares pertinentes ao local de estudo, uma vez que “por meio de comentários metalinguísticos, por exemplo, posiciona-se neutra, positiva ou negativamente com relação às variantes usadas “pelo outro”, ou seja, emite um juízo de valor” (FIGUEIREDO, 2013, p. 199).

De acordo com Cardoso (2006, p.05), “fatores sociais – idade, gênero, escolaridade, profissão – têm-se constituído em aspectos da variação que, de forma diferenciada e com graus distintos de focalização, vêm ocupando lugar nos estudos dialetais especificamente naquele que se desenvolvem sob a metodologia geolinguística”.

Variação Dialetológica: os brinquedos/brincadeiras Infantis

O universo infantil é envolvido por muitas brincadeiras e brinquedos, demonstrando a criatividade para desenvolver essas ações de diversas formas. Isso ocorre porque o conhecimento linguístico das crianças é partilhado com as outras, bem como há uma relação entre as gerações que promovem o uso de novas denominações, histórias e conceitos ligados ao universo lúdico. Para Alencar (2019, p. 592), “os entretenimentos infantis fazem parte dos costumes das populações desde antigas épocas. No Brasil, sobretudo no interior dos estados, ainda é muito comum as crianças praticarem jogos nas escolas, ruas ou praças”.

Os *brinquedos infantis* são definidos por Cascudo (2002, p. 79) como “objeto ou material para entreter as crianças em grupo ou isoladamente” e, para Houaiss (2009), são “objetos com que as crianças brincam”. Sobre a expressão *brincadeira*, Houaiss (2009) afirma ser um “ato ou efeito de brincar, jogo, divertimento, passatempo” e para Cascudo (2002, p. 79) esse termo é um “entretenimento, acompanhado ou não de melodia ou coreografia”.

O contexto histórico das *brincadeiras/brinquedos* está atrelado a aspectos sociais e culturais que atravessaram o tempo. Em termos brasileiros, houve a contribuição dos grupos africanos e dos indígenas. Além disso, “a maioria dos brinquedos que hoje existem no Brasil é oriunda dos existentes na Europa e foram difundidos no Brasil, quer pelo colonizador português, quer pelos povos europeus de contato posterior” (RIBEIRO, 2012, p. 107).

De acordo com Alves (2009), os principais brinquedos trazidos pelos portugueses são o jogo de saquinhos (ossinhos), a amarelinha, a bolinha de gude e a pipa. Acerca da influência indígena, Alves (2009) considera que há a presença somente do arco e da flecha e as imitações relacionadas à natureza, destinados como brincadeiras dentro da cultura branca.

Com relação às contribuições da cultura africana, Cascudo (1954) atesta ser difícil detectar no Brasil brincadeiras propriamente oriundas dos escravos, porque o menino africano sofreu influências após o contato com o europeu. Segundo Kishimoto (1993), isso ocorreu porque os jogos puramente verbais talvez tenham encontrado barreiras na linguagem, dificultando o processo de transmissão entre as línguas de base africana e a portuguesa.

O ato de empinar *pipa/papagaio* e brincar de *estilingue/baladeira*, por exemplo, foco do presente estudo, ao longo dos anos sofreu alterações no nome e nos modelos. Para Nallin (2005), isso ocorre, pois:

As brincadeiras variam de uma região para outra e adquirem peculiaridades regionais ou locais. No entanto, é possível

³ No original: “vinculada con la estructuración sociocultural de los grupos en cuestión.” (AQUINO; THUN, 2002, p. 25).

reconhecer uma mesma brincadeira e identificar as variantes surgidas, as fusões ocorridas no decorrer do tempo. Muitas atividades desaparecem quando deixam de ser funcionais aos grupos lúdicos, podendo vir a reaparecer em novas combinações (NALLIN, 2005, p.12).

O brinquedo *estilingue* é um exemplo, pois de acordo com Rocha (2009), o vocábulo *estilingue* provém do inglês *sling* e para Houaiss (2009), é uma “arma de arremesso constituído de uma forquilha provida de um par de elásticos presos a uma lingueta de couro, com que se lançam pedras para matar pássaros”. Uma das variantes para essa brincadeira, a *baladeira* é definida por Cascudo (2002, p.42) como brinquedo feito com “forquilha de madeira, com elástico ou borracha, usada para matar passarinhos”. No território brasileiro é denominado como “*baladeiras, bodoques, cetras* ou *setras*, como são chamados pelo Brasil afora, estão por todos os lados, em vilas, comunidades e pequenas cidades das zonas rurais” (MEIRELLES, 2007, p. 104).

A *pipa* é oriunda do latim vulgar *pipare*, o mesmo que *piar* e “consiste numa armação leve de varetas, recoberta de papel fino, e que se empina no ar por meio de uma linha”, como atesta Houaiss (2011). Há várias histórias por trás de sua criação, uma delas é que a *pipa* “já foi utilizada para a aferição de temperatura em diferentes altitudes, auxiliou no processo de criação do para-raios e também esteve presente na invenção de Santo Dumont – o 14 Bis – era um conjunto de pipas-caixas” (PORTILHO, 2013, p. 92).

Esses brinquedos oriundos do costume europeu atestam a transmissão dialetológica, devido às diversidades linguísticas que imperam no campo dos brinquedos, porque são repassados crenças, ideias, costumes e valores da comunidade linguística, ora através do convívio familiar, ora pelas relações entre as crianças em detrimento do contato com outras línguas e culturas, assim, é de interesse deste artigo verificar como se dá a variação dialetal no Tocantins, contrastando as variantes coletadas junto aos grupos migrantes e não migrantes.

Resultados e Discussões: as brincadeiras no contexto tocantinense

Os dados deste trabalho foram coletados com base no recorte do questionário do *Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins* (ALITTETO) (SILVA, 2018). As questões aplicadas durante as entrevistas para análises foram: QSL – 122- *Como se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borrachas, que os meninos usam para matar passarinhos?* e QSL – 123- *Como se chama o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?*

Os inquéritos linguísticos foram realizados em 12 localidades tocantinenses, a saber: Araguatins, Tocantinópolis, Araguaína, Araguacema, Porto Nacional, Pedro Afonso, Palmas, Mateiros, Gurupi, Formoso do Araguaia, Natividade e Paranã. Os informantes selecionados se encaixam nos perfis: topoestáticos e topodinâmicos, distribuídos também pelas variáveis sexo e idade, entre 18 a 30 anos e entre 50 a 65 anos, com, no máximo, o ensino médio, somando assim 96 informantes. Para este artigo, considerou-se a *dimensão diatópico-cinética*, ou seja, contrastam-se as respostas fornecidas por informantes topoestáticos, nascidos nos locais de pesquisa *versus* topodinâmicos, grupos oriundos de migrações e ou deslocamentos, mas que habitam na localidade há mais de dez anos.

Variação para Baladeira: Resultado Geral

Como demonstra o Quadro 01, houve um total de 165 respostas para o *brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha, que os meninos usam para matar passarinhos*. A lexia de maior ocorrência é *baladeira*, com 55,15%, para Cascudo (2002), assim como para Póvoa (1996), *baladeira* é o mesmo que *atiradeira* e *estilingue*. Em seguida, de acordo com o Quadro 01, está *estilingue* com 39,39% das respostas fornecidas pelos informantes. Houaiss (2011) pontua que *estilingue* é o mesmo que *bodoque* e *atiradeira*.

Quadro 01. Designações para *Baladeira* - Resultado Geral.

Variante	Nº de ocorrências	%
Baladeira	91	55.15%
Estilingue	65	39.39%
Sorinho	3	1.82%
Funda	2	1.21%
Badoque/Bodoque	2	1.21%
Seta	1	0.61%
Atiradeira	1	0.61%
TOTAL	165	100%

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALITTETO (SILVA, 2018).

Sorinho obteve apenas três respostas, totalizando 1,82% dos dados. O termo não está dicionarizado, assim, possivelmente, os informantes atribuíram ao artefato o nome *sorinho* porque para confeccionar o brinquedo se usa um tipo de borracha conhecida como *soro*.

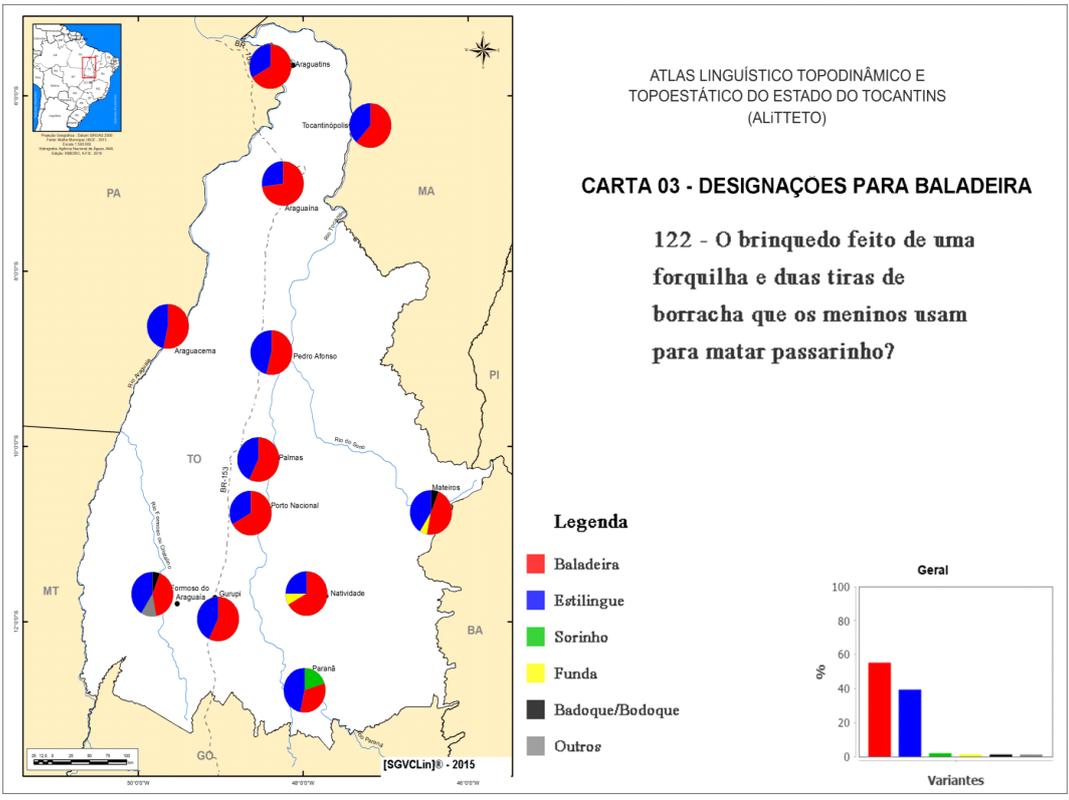
Foram documentadas também outras designações como *funda*, com 1,21% das respostas, cuja significação, segundo Houaiss (2009), tem origem latina *fundae*; em português significa *funda*, *atiradeira* ou *estilingue* e consiste na arma de arremesso composta por uma correia, ou corda dobrada e no centro é colocado o objeto que se deseja lançar.

Para *bodoque/badoque* registrou-se 1,21% dos dados. Aulete (2011) e Houaiss (2011) o denominam como um artefato feito de forquilha e elástico, usado para lançar pedrinhas, originado do árabe *bunduq* que significa *noz*, *avelã*, *bolota*, *bala de pedra* ou *pedra* para espingarda ou *atiradeira*; os autores mencionam que é uma variante de *atiradeira* e *estilingue*.

Seta e *atiradeira* receberam apenas uma resposta cada (0,61%). A primeira é interpretada por Houaiss (2009) como arma de arremesso constituído por uma haste que tem uma das extremidades pontiaguda e outra provida de penas, e que se atira por meio de um arco, a acepção é proveniente do latim *sagitta* ou *sagittae* que, em língua portuguesa significa *flecha* ou *seta*, sendo considerado pelo dicionarista como regionalismo de Santa Catarina. A segunda forma, *atiradeira*, é entendida por Aulete (2011) e por Houaiss (2011) como sinônimos para *bodoque* e *estilingue*.

A carta linguística expõe a distribuição diatópica das designações para o artefato em questão.

Figura 01. Carta 03 - Diatópica Geral-Designações para *Baladeira*.



Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados do ALITTETO (SILVA, 2018).

A cartografia diatópica evidencia que as variantes mais recorrentes coletadas pelo ALITTETO foram *baladeira*, seguida de *estilingue* e estão presentes em todos os pontos de inquéritos, como se nota pelas cores vermelho e azul.

Em Paranã, Natividade, Formoso do Araguaia e Mateiros documentaram-se outras formas além de *baladeira* e *estilingue*, tais como *sorinho* em Paranã; *funda* em Natividade; em Formoso do Araguaia *bodoque/badoque*, *atiradeira* e *seta*; em Mateiros: *funda* e *bodoque/badoque*.

Ribeiro (2012)⁴ constatou em seu trabalho sobre o falar baiano que, *badoque* e suas variações fônicas (*bodoque/badoque*) ocorreram predominantemente “na área central e leste do Falar Baiano (FB), a partir da linha divisória do Rio São Francisco. Ocorre também em Área de Controle (AC) sul e sudoeste. Não ocorre em pontos de controle noroeste (MT, TO, MA e PI)” (RIBEIRO, 2012, p. 229). O depoimento a seguir, de uma mulher da segunda faixa etária, corrobora a presença da variante *bodoque/badoque* em solo tocantinense, uma vez que o informante é proveniente da Bahia e possivelmente a lexiu chegou ao Tocantins via migração:

- INF.- *Estilingue, badoque.*
- INQ.- Lá na Bahia a senhora fala como?
- INF.- *Badoque.*
- INQ.- E aqui a senhora ouviu falar [...]
- INF.- *Estilingue.* No Rio, lá em Itapiruna também fala *estilingue.* (10/8).

Sobre a presença de *seta* e *atiradeira* entre as respostas dos entrevistados, acredita-se que sua entrada se deu em função de movimentos migratórios, pois há registros da primeira lexi

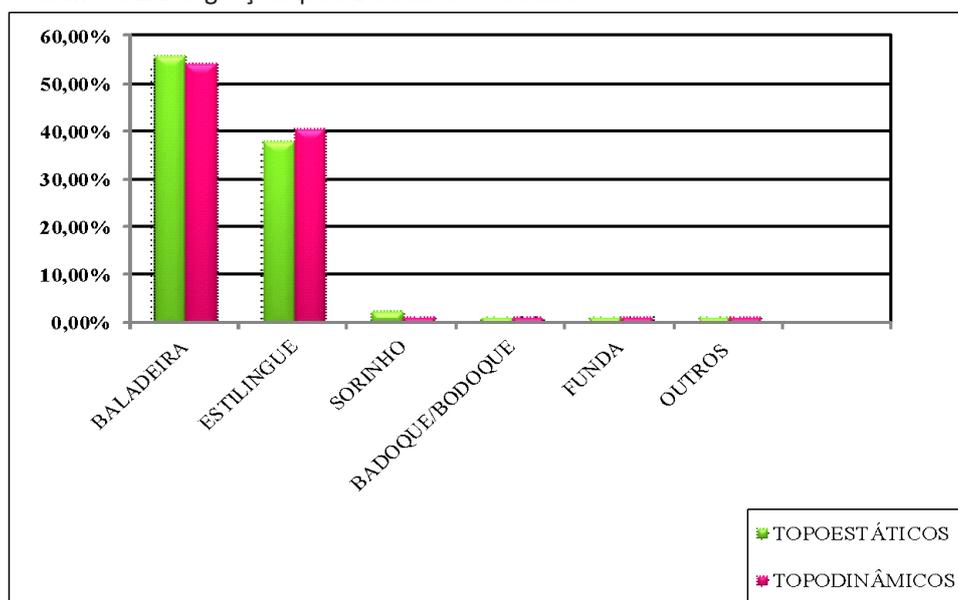
4 Ribeiro (2012) desenvolveu o trabalho intitulado Brinquedos e brincadeiras infantis na área do falar baiano, no qual analisou o campo semântico lexical Jogos e Diversões Infantis nos seguintes estados: Tocantins, Maranhão, Piauí, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais e Espírito Santo, somando-se 11 estados brasileiros nos quais cinco estão situados na área do Falar Baiano e os demais em regiões fronteiriças, tratados pela autora como Área de Controle (AC).

“exclusivamente no estado do Espírito Santo”, nos dados analisados sobre o falar baiano (RIBEIRO, 2012, p. 229), Houaiss (2009) pontua ser uma variante pertencente ao estado de Santa Catarina e Santos (2016) comprovou em suas pesquisas que *seta* teve grande ocorrência no falar fluminense. Quanto à *atradeira*, evidenciou-se que seu uso é pertencente ao estado de Minas Gerais, como atestam os trabalhos de Ribeiro (2012) e de Santos (2016).

Assim, a carta diatópica geral (Figura 01) evidenciou que somente quatro localidades mencionaram outras variantes para o brinquedo em questão, concorrendo ainda com as acepções *baladeira* e *estilingue*. Cabe ressaltar que Paranã, Mateiros, Natividade e Formoso do Araguaia, cujas três primeiras situam-se na parte mais sudeste, fazem parte da região mais antiga do Tocantins, o que pode lhes conferir características mais conservadoras em termos de língua, no entanto também registraram o uso de outras lexias comuns nas demais regiões brasileiras, configurando também proximidade com outros falares.

Com a finalidade de verificar os resultados agrupados pelos dois grupos de informantes, elaborou-se o Gráfico 01, cujos dados apontam que os topoestáticos foram responsáveis por 71 respostas e os topodinâmicos por 81.

Gráfico 01. Designações para *Baladeira*-Mobilidade.



Fonte: Elaborado pela autora a partir da base de dados do ALITTETO (2018).

Nos dois grupos de informantes predominam as duas primeiras variantes mais produtivas do *corpus*, *baladeira* (autóctones 55,95% e alóctones 54,32%) e *estilingue* (topoestáticos: 38,10% e topodinâmicos: 40,74%), nesta última com leve propensão nos informantes menos locais. As demais formas, pouco produtivas, são distribuídas pelos dois grupos de informantes.

Assim, mesmo havendo processo de covariação entre as duas formas mais produtivas, em boa parte dos depoimentos os informantes topodinâmicos e topoestáticos preferiram designar o brinquedo como *baladeira*, pois, independentemente de aparecer como primeira ou segunda resposta, os falantes de cada grupo afirmaram que no Tocantins o artefato é conhecido como *baladeira*. A seguir, há dois depoimentos que corroboram as observações:

O primeiro relato corresponde a um morador de Araguacema:

INF.- *Baladera, estilingue*.

INQ.- Qual que eles mais usam aqui?

INF.- *Baladera*. (04/3).

O informante de Paranã diz o seguinte sobre *estilingue* e *baladeira*:

INF.- *Estilingue, baladera*.

INQ.- Qual o pessoal costuma utilizar aqui?
 INF.- Eles usam o **estilingue** e a **baladera**, eles fala.
 INQ.- Qual o mais comum?
 INF.- **Baladera** aqui. Na minha região lá... porque região muda de nome. Lá em Goiás usava **estilingue** e **baladera**, mas é mais **estilingue**. Aqui já usa mais **baladera** e quase num usa **estilingue**. (12/7).

Desse modo, os topoestáticos e topodinâmicos concederam as duas variantes mais produtivas: *baladeira* e *estilingue* com pequena diferença percentual em ambos os grupos, assim como citaram outras variantes na mesma proporção.

Variação para Pipa (com varetas): Resultado Geral

As pesquisas realizadas nas 12 localidades tocantinenses registraram sete denominações para o *brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha*. No total, documentou-se 147 repostas, conforme distribuição no Quadro 02:

Quadro 02. Designações para *Pipa (com varetas)* - Resultado Geral.

Variante	Nº de ocorrências	%
Pipa/Pipão	82	55.78%
Papagaio	48	32.65%
Arraia	13	8.84%
Aviãozinho	1	0.68%
Papa-Vento	1	0.68%
Curica	1	0.68%
Suru	1	0.68%
TOTAL	147	100%

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALITTETO (SILVA, 2018).

O agrupamento mais produtivo e conhecido dentro das localidades pesquisadas é *pipa/pipão* com 55,78% dos registros, o que equivale a 82 respostas fornecidas pelos informantes. *Pipa* é descrita por Houaiss (2011) como “brinquedo formado por uma armação leve de varetas, recoberto de papel fino e presa a uma linha, que se empina no ar, e é derivado do latim vulgar *pipare*, o mesmo que *piar* dentro do português do Brasil”. *Pipão*, por sua vez, é o aumentativo de *pipa*, forma fornecida pelos informantes.

Para *papagaio* contabilizou-se 32,65% dos dados, ficando em segundo lugar na preferência dos informantes. Aulete (2011) descreve *papagaio* como um brinquedo constituído de uma armação revestida de papel que se faz flutuar no ar preso a um cordel que o maneja; variante de *pipa*. Houaiss (2011) cita *papagaio* como uma variante para *pipa*.

Arraia teve 13 respostas, ou seja, 8,84% dos dados. A referida variante é definida pelos autores Póvoa (1996), Cascudo (2002), Aulete (2011) e Houaiss (2011) como o mesmo que *pipa*, *papagaio* ou *papagaio de papel*, no qual é um artefato feito com cruzeta de madeira leve, coberta com papel e possui uma cauda comprida. Uma moradora de Araguacema, da primeira faixa etária descreve *arraia* da seguinte maneira:

INF.- *Pipa*.
 INQ.- Tem outros?
 INF.- *Arraia*.
 INQ.- Como é que é *arraia*?
 INF.- *Arraia* é maior que a *pipa*, é maior. (04/6).

Sobre a origem do nome *arraia*, Cascudo (2002) informa que “[...] provém da semelhança com os peixes batóides, com a cauda longa e fina. A arraias podem ser retangulares, losangulares, paralelogramáticas com forma de aves, estrelas, triângulos [...]”.

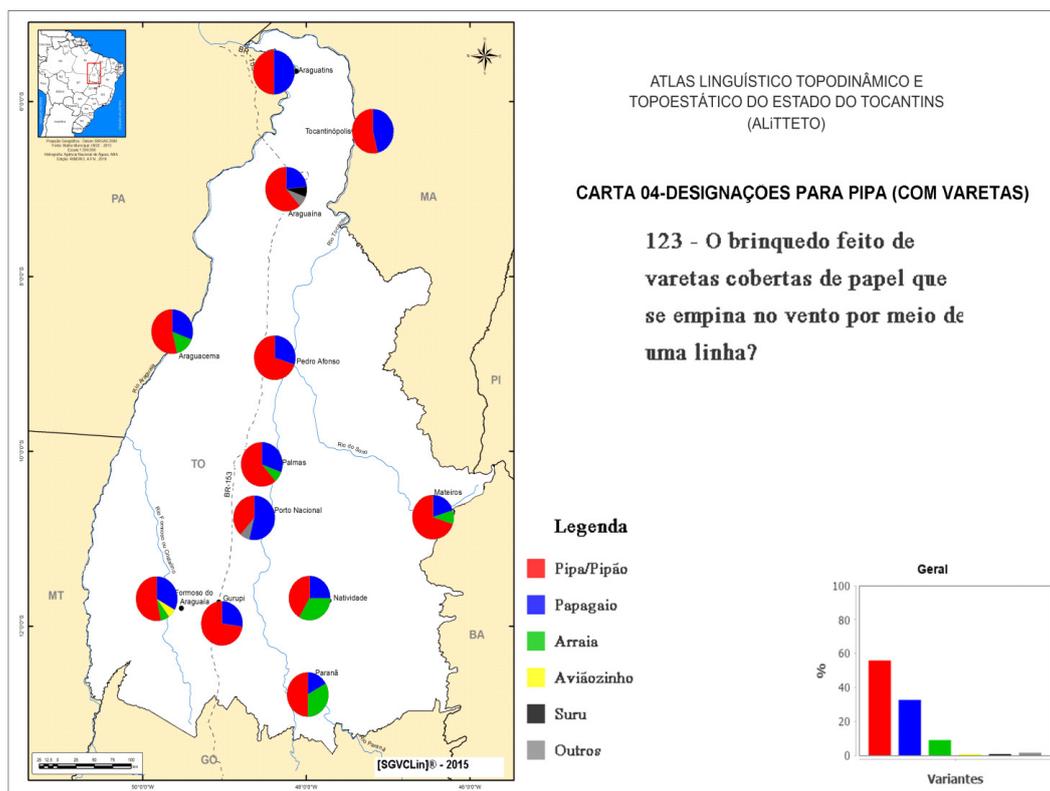
Os informantes do ALITTETO também citaram as variantes: *aviãozinho*, *papa-vento*, *curica* e *suru*, com apenas uma citação cada, 0,68%. O termo *aviãozinho* não consta nos dicionários consultados como uma variante de *pipa* ou *papagaio*, mas é uma forma diminutiva da palavra *avião* que, possivelmente foi usada pelos informantes porque o brinquedo plaina no ar.

Papa-vento encontra-se apenas em Póvoa (1996) como variante para *cata-vento*⁵. *Curica* não consta nos dicionários como brinquedo, mas como designação para a ave papagaio, com etimologia tupi *ku’ruca*. Durante as entrevistas, os informantes não apresentaram o significado ou as características para o termo em questão, mas acredita-se que designaram o brinquedo como *curica* devido à ligação com o nome *papagaio*.

Houaiss (2009) cita que *suru* é uma *pandorga* sem cauda e dotada de pequenas barbatanas de papel de seda, considerada como um regionalismo da Bahia, também conhecido como *sura* ou *suro*. Póvoa (1996) diz ser uma espécie de *papagaio de papel* sem cauda. De acordo com Aulete (2011), o real significado de *suru* diz respeito ao animal que não possui rabo ou parte dele, ou seja, existem *pipas* ou *papagaios* que não tem a cauda ou a rabiola, logo, o brinquedo é então designado pelos informantes como *suru*.

A Carta Diatópica 02 ilustra as variantes mais produtivas para o brinquedo em estudo distribuídas no espaço de pesquisa.

Figura 02. Carta 04 - Diatópica Geral-Designações para *Pipa* (com varetas).



Fonte: Elaborada pela autora a partir da base de dados do ALITTETO (2018).

Diatopicamente, observou-se a coexistência de duas formas em todas as localidades tocantinenses: *pipa/pipão* e *papagaio*; em oito pontos de inquérito documentou-se a menção das variantes: *arraia*, *aviãozinho*, *suru*, *curica* e *papa-vento*.

⁵ Cata-vento é descrita por Houaiss (2011, p. 174) como “brinquedo composto de uma haste de madeira que tem em sua extremidade papel em forma de pás de moinho” (HOUAISS, 2011, p.174), logo presumimos que os informantes tenham relacionado o brinquedo pipa com papa-vento pela semelhança entre eles e o cata-vento.

A presença expressiva de *pipa/pipão* no território tocantinense pode ser ocasionada por ser uma variante escolarizada, usada em materiais didáticos, ou seja, constitui-se como norma nacional. Com isso, possivelmente, *pipa* começou a ‘ganhar espaço’ entre os informantes, fazendo com que eles deixassem de lado as outras denominações para o brinquedo em questão, como, por exemplo, *papagaio* e *arraia*.

Dentre as respostas dos informantes tocantinenses, *arraia* ocupa a terceira colocação, sendo proferida por moradores de Araguacema, Palma, Mateiros, Formoso do Araguaia, Natividade e Paranã.

Curica e *suru* foram mencionadas com ocorrências únicas na cidade de Araguaína. No grupo *outros* estão *papa-vento* e *aviãozinho*, a primeira foi mencionada em Porto Nacional e a segunda em Formoso do Araguaia. Para *aviãozinho*, há o relato de uma informante, da segunda faixa etária, informando que a variante é comum no estado do Maranhão:

INF.- Aqui o povo chama de... de pipa, né, no Maranhão chama de *aviãozim*.

INQ.- *Aviãozinho*?

INF.- É. É a mehma coisa da *pipa*.

INQ.- Construído da mesma forma, né?

INF.- Aham.

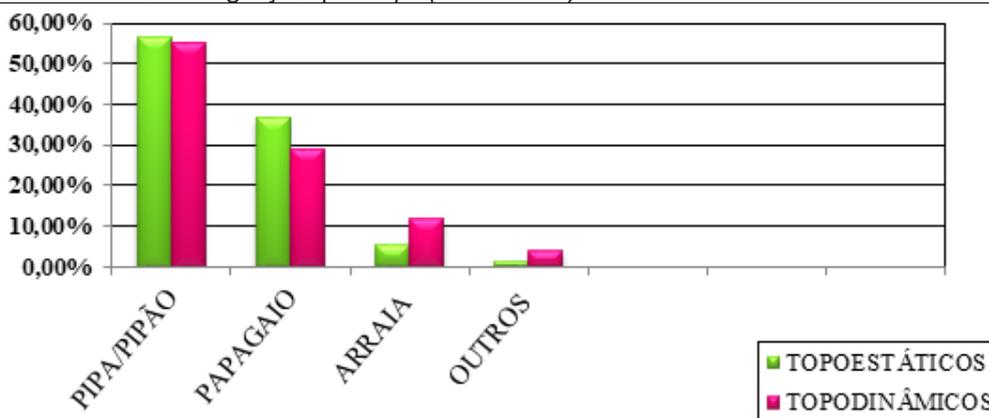
INQ.- Você pode me contar como é que vocês fazem lá a *pipa*?

INF.- É do mesmo jeito, desse mesmo jeito, aí solta. Vai soltando ela. (10/6).

Com isso, observou-se que as variantes *pipa/pipão* e *papagaio* disputam espaço no território tocantinense, com propensão a serem mais produtivas em determinadas localidades que em outras.

Sobre o recorte por tipo de mobilidade do informante, os topoestáticos concederam 71 respostas e os topodinâmicos 76, isso significa que ambos os grupos obtiveram número aproximados de respostas, mantendo as duas formas mais produtivas do corpus como preferência, conforme se verifica no Gráfico 02.

Gráfico 02. Designações para *Pipa* (com varetas) – Mobilidade



Fonte: Elaborado pela autora a partir da base de dados do ALITTETO (2018).

Para *pipa/pipão*, os informantes nascidos e criados nas localidades concederam 56,64% dos dados e aqueles vindos de outros lugares para o Tocantins forneceram 55,26% das respostas. Em *papagaio* os autóctones produziram porcentagem maior 36,62% contra 28,95% dos registros para os alóctones. Possivelmente, os informantes extralocalidades produziram número menor para *papagaio* porque citaram *arraia* com maior porcentagem, assim como forneceram mais variantes para o QSL 123.

Arraia é mais conhecida e utilizada pelo público topodinâmico, 11,84%, enquanto os informantes estáticos forneceram 5,63% dos dados. O depoimento de uma mulher, da segunda faixa etária e residente em Formoso do Araguaia comprova que *arraia* provavelmente é mais comum em outros estados, como na Bahia, por exemplo.

INF- *Pipa, arraia, papagaio*, tudo é uma coisa só, com vários nomes.

INQ.- Aqui a senhora ouviu falar como?

INF- Aqui é *pipa*. Lá em Itapiruna é *pipa*. Lá na Bahia, lá em Itapetinga é *arraia*, eles fala muito *arraia*, já sabe que é *pipa*. (10/8).

No agrupamento *outros, curica* (1,41%), com ocorrência única, é produzida por um informante fixo⁶. O grupo móvel, por seu turno, forneceu as seguintes variantes: *aviãozinho, suru* e *papa-vento*, todas mencionadas somente uma vez, contemplando o valor de 1,32% das respostas cada.

Assim, *pipa/pipão* rege a preferência dos dois grupos; enquanto os informantes nascidos e criados nas localidades concederam mais respostas para *papagaio*, aqueles vindos de migração foram responsáveis pela maior ocorrência de *arraia* e por fornecer mais variantes, citadas com menores percentuais.

Considerações Finais

A Dialetoлогия destaca-se nos estudos sobre as variações e as diversidades de uma língua presente em determinada localidade, assim como as variantes carregam influências de fatores internos e externos à língua, por exemplo, o local de nascimento, a idade, o sexo do informante.

Desse modo, o Tocantins demonstra processo de covariação linguística, uma vez que os topodinâmicos e os topoestáticos mantiveram semelhanças quanto ao uso das variantes baladeira e estilingue, bem como das lexias *pipa/pipão* e *papagaio*. Quanto à distribuição diatópica, as lexias baladeira e *pipa/pipão* regeram a preferência lexical dos informantes, seguida de estilingue e *papagaio*.

Ademais, registrou-se a presença de outras variantes no espaço investigado, baladeira teve respostas como: *sorinho, funda, badoque/bodoque, seta* e *atiradeira*, enquanto para *pipa/pipão* houve menções de *arraia,aviãozinho, papa-vento, curica* e *suru*.

Com isso, os dados confirmaram que, ao longo dos anos, os tocaninenses (topoestáticos) vivenciaram as influências da língua de pessoas oriundas de outras regiões brasileiras, e que os topodinâmicos, mediante o contato e convívio com a população local, fazem uso de termos utilizados pela população autóctone para nomear os brinquedos em questão, mas sem deixarem de lado a sua modalidade de origem.

Referências

ALENCAR, Beatriz Aparecida. Denominações para a brincadeira “amarelinha” no estado de São Paulo: análise diatópica e léxico semântica. **Revista Estudos Linguísticos**, v.48, n. 2, p. 591-611, jul. 2019. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2311/1815>. Acesso em: 05 de abr. 2021

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional e contatual. In: **Revista de Letras Norte@mentos Estudos Linguísticos**, Sinop, v. 6, n. 12, p. 31-52, jul./dez. 2013.

ALVES, Álvaro Marcel Palomo. **A história dos jogos e a constituição da cultura lúdica**. 2009: [S.l.:

⁶ Usou-se a expressão “informante fixo” para fazer referência a pessoa que nasceu e cresceu na localidade, ou seja, o informante topoestático.

s.n.]. Disponível em: www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/download/1203/1018. Acesso em: 25 out. 2019.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. São Paulo: Casa Editora O livro, 1920.

AULETE, Caldas. **Minidicionário Contemporâneo de Língua Portuguesa**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

AQUINO, Almidio; THUN, Harald. El “Atlas Lingüístico Guaraní-Románico”(ALGR): primeros resultados. *In: Romania americana: procesos lingüísticos en situaciones de contacto*. Vervuert, 2002. p. 25-40.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**, 11ª edição – Belo Horizonte; Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 3 ed. Brasília: Instituto Nacional do Livro, MEC, 1954.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A Geolingüística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional? **Revista do GELNE** (UFC), Fortaleza, v. 4, n.1/2, p. 215-223, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9088>. Acesso em: 24 jul. 2020.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Geolingüística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

CUNHA, Celso. **Língua Portuguesa e Realidade Brasileira**. Editora: Tempo Brasileiro. 1968.

FIGUEIREDO, Carla Regina de Souza. Metodologia de estudos do contato linguístico intervareial em lugares de migração recente: alguns apontamentos. **Revista de Letras Norteamericanas**. Estudos Linguísticos, Sinop, v. 6, n. 12, p. 188-208, jul./dez. 2013. Disponível em: sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/norteamericanas/article/download/.../86. Acesso em: 06 jun. 2019.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mário. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Versão 1.0, 2009.

HOUAISS, Antônio; VILAR, Mário. **Dicionário Houaiss Conciso**. São Paulo: Moderna, 2011.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos tradicionais infantis**. Petrópolis: Editora Vozes, 1993.

MEIRELLES, Renata. **Giramundo e outros brinquedos e brincadeiras dos meninos do Brasil**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

MENEZES, Bruna Lorryanne Dias. **Áreas Dialetais no Tocantins**: Estudo Dialetológico e Geolingüístico no Campo das Brincadeiras Infantis. Dissertação. (Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística). Universidade Federal do Tocantins, 2021.

NALLIN, Claudia Góes Franco. Memorial de Formação: o papel dos jogos e brincadeiras na Educação. *In: Infantil / Cláudia Góes Franco Nallin*. -- Campinas, SP: [s.n.], 2005. p. 12.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

PALACÍN, Luís; MORAES, Maria Augusta Sant’anna. **História de Goiás (1722-1972)** 7ª ed. Goiânia: Ed. Da UCG, Ed. Vieira 2008.

POP, Sever. **La dialectologie. Aperçu historique et méthodes d'enquêtes linguistiques**, v. 1 e 2. Louvain: Chez l'Auteur; Gembloux, Duculot, 1950.

PORTILHO, Danyelle Almeida Saraiva. **O Falar Amazônico: Uma Análise da Proposta de Nascentes (1953) A Partir de Dados do Projeto Alib**. Campo Grande: UFMS: 2013.

PÓVOA, Liberato. **Dicionário Tocantinense de Termos e Expressões Afins**. 1996.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. **Brinquedos e brincadeiras infantis na área do falar baiano**. 466 p. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística). Universidade Federal da Bahia, 2012.

ROCHA, Patrícia Graciela da. Bolita, bodoque e pandorga: variantes hispânicas na fala rural da região sul do Brasil. **Revista Língua&Literatura**, v. 11, n. 17, p. 165-184. Dez. 2009. Disponível em: revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/download/109/212. Acesso em: 26 out. 2019.

ROSSI, Nelson; FERREIRA, Carlota; ISENSEE, Dinah. **Atlas Prévio dos Falares Baianos**. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1963.

SANTOS, Leandro Almeida dos. **Brincando pelos caminhos do falar fluminense**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2016.

SILVA, Greize Alves da. **Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALITTEO)**. 2018. 2v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. Rio de Janeiro, Presença/MEC. 1950.

THUN, Harald. A dialetologia Pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, Ana Maria (Org.). **Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2005. p. 63-92.

THUN, Harald. La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: **International Congress Of 215 Romance Linguistics and Philology** (21.: 1995: Palermo). Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza. (Orgs). Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, 1998. v. 5, p. 701-729.

THUN, Harald. **Atlanti Linguistici italiani e romanzi. Esperienze a confronto. Centro di studi filologici e linguistici siciliani**. Atti del Congresso Internazionale. Palermo, 3-7 ottobre 1990/1992.

THUN, Harald. La pluridimensionalidad del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU). In: **Congreso Del español de Américas**. Bruxelas: 1995, p. 1-35.

Recebido em 05 de fevereiro de 2020.

Aceito em 13 de julho de 2022.